

Bahia

Horta coletiva fortalece renda e autonomia de mulheres agricultoras



Wirlene, Gilvânia e Luzia na horta coletiva da comunidade Lagoa do Arroz

Na comunidade Lagoa do Arroz, em Campo Alegre de Lourdes (BA), a vida de Gilvânia Batista, 34 anos, Luzia de Sousa, 35, e Wirlene Pereira, 37, segue o ritmo da roça, da horta e da rotina de casa. Nascidas e criadas na comunidade, as três aprenderam desde cedo a conviver com o Semiárido e a construir suas vidas a partir da relação com a terra.

Gilvânia mora com o esposo, Salvador e os filhos, Quelson e Deivison. Luzia vive com o marido, Márcio e a filha, Ludmila. Já Wirlene mora com o esposo, Cléber, e os filhos, Kaio, Arthur e Gael. Mesmo com a correria do dia a dia, elas dividem o tempo entre os cuidados domésticos, a roça, os animais e a horta coletiva que hoje ajuda a garantir renda para as famílias. A rotina das três começa cedo, mas, em meio às diferentes tarefas do dia a dia, elas encontram na horta coletiva uma forma de fortalecer a renda das famílias, ampliar a autonomia e estreitar os laços de solidariedade.

A experiência da horta coletiva começou a partir da perfuração de um poço na comunidade. O serviço não foi concluído, com alegação de que não havia água suficiente. Apesar disso, os moradores decidiram seguir com a ideia. “Meu sogro viu que tinha água. Aí pegamos os canos que já eram nossos e fomos instalando por conta própria. Minha sogra, dona Delzuita Batista, e outra vizinha, Maria, tiveram a iniciativa de criar a horta”, relembra Gilvânia.

Os primeiros passos foram modestos. “Começamos com quatro ou cinco canteiros pequenos”, conta Gilvânia. Para adquirir bomba, canos e materiais de irrigação, as mulheres recorreram aos próprios recursos, inclusive ao dinheiro recebido do Bolsa Família, e dividiram os custos. “No começo, foi tudo da força da gente. Nós não tínhamos outro meio”, conta Wirlene.

As parcelas dos equipamentos também eram pagas coletivamente. Cada família contribuía com o que podia para manter a horta funcionando. Com o tempo, a experiência foi crescendo e novas mulheres passaram a integrar o grupo.

Hoje, seis famílias participam diretamente da produção. Além das mulheres adultas e jovens, algumas adolescentes também se dedicam à horta. A área da horta pertence ao agricultor Arnaldo Andrades, pai das irmãs Luzia e Wirlene e sogro de Gilvânia, que cedeu o espaço para fortalecer o trabalho coletivo desenvolvido pelas mulheres.

Cada agricultora possui seu próprio canteiro, mas as decisões e responsabilidades relacionadas à estrutura da horta são coletivas. Quando uma bomba quebra, falta algum material ou surge outra necessidade, o grupo se reúne e divide as despesas. “Cada uma tem seu espaço, mas quando precisa resolver alguma coisa, nós se junta”, afirma Gilvânia.



Antes mesmo da criação da horta coletiva, as mulheres já cultivavam hortaliças próximas às fontes e aos barreiros da comunidade. Plantavam coentro, mantinham pequenos canteiros e conseguiam comercializar parte da produção. Com a organização coletiva, porém, a atividade ganhou força, ampliando a produção e abrindo novas possibilidades de geração de renda.

A experiência se fortaleceu ainda mais com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que contribuiu com a implantação de um sistema de irrigação, uma caixa d'água de cinco mil litros, uma bomba e mudas de espécies frutíferas.

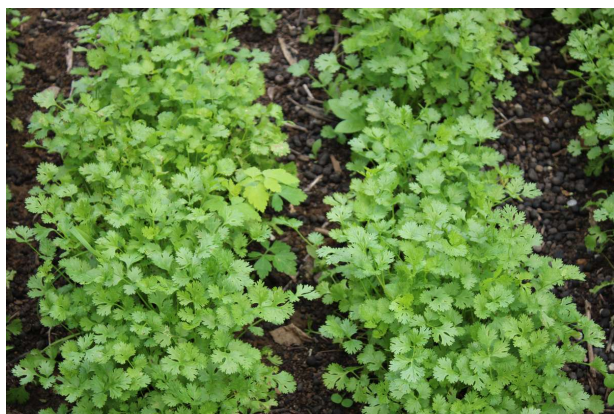
Hoje, nos canteiros, elas produzem coentro, couve, alface, tomate, pimentão e diversas frutas, como limão, laranja, banana e manga. Parte dessa produção garante a alimentação das famílias e a outra parte é comercializada.

As vendas acontecem principalmente na Feira Agroecológica do município, realizada aos sábados. Nem sempre todas conseguem participar, mas a organização coletiva garante que os produtos cheguem até os consumidores. “Quando uma vai, leva também os produtos das outras”, explica Gilvânia. A colaboração também acontece na produção: quando uma família tem pouca produção, outra ajuda a complementar.

Outra importante possibilidade de comercialização veio por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), política pública que adquire alimentos da agricultura familiar para a alimentação dos estudantes. Atualmente, três integrantes do grupo fornecem produtos para o programa. Quando alguma delas não dispõe da quantidade necessária para completar uma entrega, recorre à produção das demais participantes do coletivo.

No ano passado, juntas, elas comercializaram cerca de R\$27 mil para o programa. A inserção no programa, somada às vendas na feira agroecológica, contribuiu para ampliar a renda das famílias. “Antes era só Bolsa Família e o trabalho da roça. Hoje já ajuda mais”, comemora Luzia. A participação em encontros, formações e intercâmbios promovidos por organizações parceiras, como o SASOP, também ampliou o acesso das mulheres a conhecimentos sobre políticas públicas, compostagem, manejo dos canteiros e convivência com o Semiárido. “Quando a gente viaja e conhece outras experiências, aprende muita coisa”, ressalta Gilvânia.

Para além da geração de renda, a horta se tornou um espaço de autonomia, fortalecimento e bem-estar. “É muito bom ter o dinheirinho da gente. Quando quer comprar alguma coisa, já sabe que foi do nosso trabalho”, conta Wirlene. O espaço também funciona como lugar de acolhimento. “Quando eu tô muito nervosa ou estressada, vou pra horta. Ali é minha terapia. É onde eu me sinto bem”, acrescenta.



Hoje, elas utilizam a Caderneta Agroecológica para registrar a produção, as vendas e o que é consumido pelas próprias famílias. Mesmo com os avanços, ainda existem desafios. Atualmente, a principal dificuldade é a disponibilidade de água. O poço não fornece água suficiente para abastecer a caixa de 5 mil litros, o que impossibilita o uso do sistema de irrigação. Por isso, elas precisam buscar a água e fazer a rega dos canteiros manualmente, utilizando baldes. Ainda assim, elas seguem firme no trabalho, como resume Gilvânia: “Quem tem vontade não pode desistir. Tem que seguir lutando”.